

Linguagem e jogo: aspectos fundamentais do conceito wittgensteiniano de «*Sprachspiele*»

Gerson Francisco de Arruda Júnior¹

Resumo

O propósito central deste texto é o de apresentar, em seus traços mais significativos, os principais aspectos da concepção pragmática da linguagem assumida por Wittgenstein em sua *Spätphilosophie*. Trata-se, portanto, de uma caracterização dos aspectos fundamentais da concepção segundo a qual a linguagem, como um jogo, constitui uma *praxis*, isto é, uma atividade humana, governada por regras, que está intrinsecamente ligada à forma comum de agir da humanidade. Mostra-se, ainda, que esta maneira de conceber a linguagem tem como consequência filosófica a ideia de que a linguagem não possui qualquer “essência”.

Palavras-chave: Wittgenstein; Jogos de linguagem; Forma de vida; Semelhanças de família.

¹ Professor do departamento de filosofia da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e da Faculdade de Teologia Integrada (FATIN). Atualmente conclui o seu doutoramento em filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

1. Do cálculo ao jogo

Freeman Dyson, na altura um estudante de física e matemática em Cambridge, relatou a Norman Malcolm que um dia Wittgenstein estava passando por um campo onde uma partida de futebol estava em andamento e subitamente o pensamento que assaltou a sua mente foi o de que “na linguagem jogamos *jogos* com *palavras*”². Mesmo que se discorde da hipótese defendida por Malcolm de que este episódio – contado em tom de anedota – sugere a possível origem do conceito wittgensteiniano de *jogo de linguagem*, é inegável que a analogia nele descrita resume perfeitamente a concepção de linguagem assumida por Wittgenstein na sua *Spätphilosophie*, aquela segundo a qual a linguagem é comparada com os jogos.

A gênese precisa da analogia wittgensteiniana entre o jogo e a linguagem ainda nos é desconhecida. O que é certo, e obviamente importante, porém, é o fato de que tal ideia já era utilizada por ele no início dos anos 30, durante o chamado *período de transição*. Nesta ocasião, a noção de «jogo» não foi aplicada diretamente à linguagem. Wittgenstein empregou-a em diversas discussões matemáticas, sobretudo para comparar os sistemas axiomáticos do formalismo com o xadrez e suas regras³. A intenção envolvida na utilização dessa noção e na sua subsequente comparação com o xadrez (que inclusive já tinha sido antecipada por Frege na sua polêmica contra os formalistas⁴) era simplesmente a de descrever a concepção formalista de aritmética, concepção segundo a qual a aritmética era entendida apenas como um jogo praticado com símbolos matemáticos⁵.

É muito provável que o emprego do termo «jogo» às controvérsias matemáticas tenha sido o que estimulou Wittgenstein a estender tal analogia para a linguagem, pois, foi

²MALCOLM, Norman. **Ludwig Wittgenstein**: a memoir. 2. ed. Oxford: Clarendon Press, 2001, p.65.

³ Confira, por exemplo, as repetidas vezes que essa comparação é feita na compilação de uma conversa que Wittgenstein teve com Schlick sobre o formalismo, em 19 de Junho de 1930. (Cf. WAISMANN, Friedrich. **Wittgenstein y el círculo de Viena**. Traducción de Manuel Aeboli. México: Fondo de Cultura Económica, 1973, p. 90 – 93).

⁴ Cf. FREGE, Gottlob. **Grundgesetze der Arithmetik**. Vol. 2, § 88.

⁵ Wittgenstein explora essa analogia na sua *Philosophical Grammar*, e dedica um capítulo inteiro à questão. (Cf. *PG*, p. 289-295). Curiosamente, as suas *Philosophical Remarks*, escritas no mesmo período, nada dizem sobre os *jogos de linguagem*. (As obras de Wittgenstein aqui citadas seguirão as seguintes abreviações: **PG**: *Philosophical Grammar*; **PR**: *Philosophical Remarks*; **BBB**: *The Blue and Brown books*; **PI**: *Philosophical Investigations*; **RPP**: *Remarks on the Philosophy of Psychology*; **CV**: *Culture and Value*; **RFM**: *Remarks on the Foundations of Mathematics*; **RC**: *Remarks of Colour*; **LC**: *Lecture and Conversations*; **LWPP**: *Last Writings on the Philosophy of Psychology*; **OC**: *On Certainty*; **Z**: *Zettel*; **CE**: *Cause and Effect*; **TLP**: *Tractatus Logico-philosophicus*. As referências completas de cada uma destas serão apresentadas no final deste artigo).

depois de ter concebido a linguagem como um *cálculo*⁶ matemático que a analogia do *jogo* foi por ele acentuadamente aplicada à linguagem como um todo. Como é evidente, o que essencialmente permite a comparação entre os domínios do *cálculo* e do *jogo*, por um lado, e a comparação de ambos com o domínio da linguagem, por outro lado, é o fato de esses domínios terem a característica comum de serem atividades governadas por regras. Com feito, a ideia fundamental que subjaz à concepção da linguagem como um *cálculo* é a de que em nosso pensamento opera um complexo sistema de regras exatas, e a linguagem é um sistema de sinais regido por esse conjunto de regras rígidas e estritas. Deste modo, falar ou compreender uma linguagem tornam-se ações reconduzíveis ao mesmo tipo de operações executadas dentro de um sistema de sinais de um cálculo⁷.

É exatamente na tentativa de explicitar a ideia segundo a qual sucede com as palavras o mesmo que sucede com os elementos de um cálculo que Wittgenstein recorre aos procedimentos de um jogo – sobretudo o de xadrez, e fomenta a seguinte comparação: assim como num jogo de xadrez as peças são movidas sobre a superfície do tabuleiro segundo certas regras, do mesmo modo, na linguagem, os *usos* das palavras (nessa altura já comparadas a peças de xadrez), e os seus respectivos significados, são determinados pelas regras que gerem todo o funcionamento do sistema simbólico, fazendo com que tais *usos* também designem os papéis que essas palavras assumem e desempenham no *cálculo* da linguagem. Deste ponto de vista, o significado das palavras é dado pelo lugar que ela ocupa nesse simbolismo.

O recurso à analogia do jogo para descrever o modo como a linguagem/cálculo funciona foi, nesse período, abundantemente utilizado por Wittgenstein. Uma das consequências mais relevantes da aplicação de tal analogia à linguagem como um todo foi a do surgimento da expressão «jogo de linguagem» – que aparece exatamente nessa ocasião. A partir de então, as expressões «cálculo» e «jogo de linguagem» passaram a ser usadas intercambiavelmente⁸, uma vez que a distinção entre ambas ainda não tinha sido claramente delimitada por Wittgenstein⁹. Tal distinção começou a ser feita já nos ditados que viriam compor os assim chamados *Livros Azul e Castanho*, quando Wittgenstein apresenta as suas

⁶ Sobre a apresentação dessa concepção de linguagem em Wittgenstein, Cf.: LE DU, Michael. Wittgenstein e o uso da linguagem como cálculo. **Dois pontos**. Curitiba, v. 6, n. 1, p.167-179, Abril. 2009; e: GARGANI, Aldo G. **Introduzione a Wittgenstein**. 11. ed. Roma: Editori Laterza, 2005, p. 55 – 73.

⁷ Cf. *PG*, p. 28, 35, 41, 56-65.

⁸ Cf., por exemplo, *PG*, p. 40-41, 44.

⁹ O § 81 das *PI* elucida o contraste que Wittgenstein posteriormente estabeleceu entre essas expressões.

primeiras aceções de «jogos de linguagem»¹⁰. Sob estas circunstâncias, a ideia de *cálculo* foi pouco a pouco cedendo o lugar à ideia de *jogo* e, por conseguinte, a analogia entre a linguagem e o *cálculo* é decisivamente substituída pela analogia entre a linguagem e o *jogo*¹¹.

2. Principais aspectos da linguagem concebida como um jogo

Ao que tudo indica, o modelo da linguagem como um *cálculo* acabou por ser rejeitado por Wittgenstein porque, de certa forma, à semelhança do *Tractatus*, tal modelo ainda propunha uma sintaxe ideal e sublime, o que implicava conceber a linguagem como um sistema regido por regras fixas, precisas, que constituiriam uma ordem rígida, oculta por detrás da heterogeneidade que lhe é peculiar¹². Com o abandono de tal paradigma, a linguagem é particularmente comparada com o jogo e, nessa circunstância, o conceito wittgensteiniano de «jogos de linguagem» passa a ocupar um lugar de destaque no seu pensamento.

A ideia central que subjaz a essa comparação particular entre a linguagem, por um lado, e o jogo, por outro lado, é, com efeito, a de fazer-nos ver, pelos jogos, os vários aspectos de nossa linguagem que muitas vezes nos são alheios. Os jogos são atividades públicas que pressupõem o uso de regras, reações comuns, habilidades, disposições, certas capacidades geradas pelo domínio de técnicas, etc. Equiparada com eles, a linguagem é, desta perspectiva, concebida como uma *praxis*, isto é, como uma atividade humana também guiada por regras, cuja efetivação pressupõe, igualmente, reações comuns, capacidades adquiridas por meio de treino, o domínio da técnica de sua aplicação, etc.

2.1. A linguagem e as ações humanas

Um dos principais aspectos para o qual a analogia entre as práticas da linguagem e as práticas do jogo deseja chamar a nossa atenção é o da alegada conexão existente entre o falar de uma língua e as ações humanas. Tal ideia baseia-se na convicção wittgensteiniana de que toda a prática da linguagem está totalmente imersa num complexo de ações. O que de fato se defende é que há um autêntico entrelaçamento (*verworfen*) entre a linguagem e as atividades não-linguísticas a ela associada. Assim sendo, os *jogos* que constituem a linguagem compreendem não só as expressões da linguagem, mas também todas as ações com as

¹⁰ *BBB*, p. 17, 67, 81.

¹¹ O que Wittgenstein chamava de cálculo passou a chamar de jogos Cf. *PG*, p. 41 // *PI*, § 3.

¹² Cf. *PI*, § 81.

quais essas expressões estão interligadas¹³. *Eles* são, desta forma, são caracterizados como uma das componentes constitutivas dos seres humanos e, por conseguinte, do modo de agir que os caracteriza.

O conjunto resultante dessa especial imbricação entre a linguagem e as atividades humanas – designado pelos termos: “o jogo de linguagem”, “jogo de linguagem total”, “jogo de linguagem humano”, “nosso jogo de linguagem”¹⁴ – constitui aquilo que o autor das *PI* chama de *forma de vida* humana. Desta perspectiva, é numa tal *forma de vida* que o complexo de práticas e ações que caracterizam a comunidade linguística assenta. Neste caso, este modo de ser característico dos seres humanos apresenta-se como sendo a instância última, aquilo a partir do qual o correto funcionamento da linguagem deve ser entendido¹⁵. Quer isto dizer que, deste ponto de vista, a linguagem não pode ser concebida como uma estrutura abstrata, separada e isolada em si mesma, mas deve ser considerada como uma prática que penetra e está indissolúvelmente ligada a todas as atividades desenvolvidas e efetuadas pelos seres humanos. Ou seja, o fenômeno linguístico não pode ser considerado como um conjunto de significações independentes da vida de quem o pratica, isto é, ele não pode ser concebido como um sistema de sinais abstratos e desligados do seu *emprego* real nas práticas linguísticas efetivas, como se fosse um “fantasma a-espacial e a-temporal”¹⁶; mas é, antes, algo concreto, situado no espaço e no tempo, completamente inserido na vida humana.

Assim concebida, fica evidente que não é possível entender a linguagem sem nos atermos à participação ativa dos seres humanos em sua utilização e em suas constantes mudanças. Quer dizer, sendo, pois, uma *parte* constituinte da *forma de vida* humana¹⁷, é só no fluxo *dessa* vida, isto é, no seu engajamento em práticas linguísticas efetivas, que as palavras adquirem significado¹⁸. Ao assegurar essa necessária participação intersubjetiva dos seres humanos no desenvolvimento e efetivação das práticas linguísticas, Wittgenstein considera esse fenômeno humano como sendo um produto da atividade social dos homens. Supõe-se, desta forma, que a linguagem envolve consenso de acordos e ações socialmente compartilhados, e que esta concordância “pertence à armação a partir da qual a nossa linguagem opera”¹⁹. Todavia, o caráter desse acordo não está firmado, por sua vez, num

¹³ Cf. *PI*, § 7.

¹⁴ Cf., respectivamente, *PI*, § 7, *BBB*, p. 183; *OC*, §§ 554 – 9.

¹⁵ Cf. *PI*, II, p. 292.

¹⁶ *PI*, § 108.

¹⁷ Cf. *PI*, § 23.

¹⁸ Cf. *LWPP*, v. I, § 913; *Z*, §§ 135, 173.

¹⁹ *PI*, § 240.

tipo de consentimento democrático entre os utentes da linguagem. Quer dizer, ele não se trata de uma mera concordância de opiniões, de algo sujeito aos caprichos e arbítrios de alguma vontade individual, mas funda-se, necessariamente, no “modo de agir comum” desses utentes, isto é, trata-se de um acordo na *forma de vida*.

Desta perspectiva, portanto, pertencer à *forma de vida* humana é já ser concorde com os acordos nela estabelecidos, cujo fundamento é um *dado* da história natural do homem. Assim, os acordos ou desacordos entre os utentes da linguagem não são estabelecidos por meio de opiniões privadas, mas são oriundas dos *jogos de linguagem* configurados pelas *formas de vida* nas quais participamos na condição de utentes. Mais especificamente, qualquer conflito existente constitui um claro desvio da maneira comum de agir que nos caracteriza e que é independente de qualquer vontade individual. Disto decorre que, para compreendermos corretamente o modo como a linguagem funciona, é imprescindível considerarmos a conexão desse fenômeno com a nossa maneira de ser e agir. Quanto a isso, porém, é importante dizermos que, sob esta ótica, a linguagem e as atividades humanas a ela associadas são concebidas num sentido amplo. Isto é, a linguagem não se refere apenas aos *usos* das palavras, nem a *um* sistema parcial da linguagem, ou a qualquer *um* dos *jogos* que a constitui, mas inclui tudo aquilo que podemos considerar como sendo «linguagem». Há que se notar que, nesse sentido, a linguagem quotidiana, “habitual”, é apontada como o paradigma a partir do qual, por meio da analogia e comparações, outras coisas podem ser chamadas de «linguagem»²⁰. Do mesmo modo, por atividades humanas não se quer referir aqui os simples movimentos dos membros do nosso corpo, mas alude-se a todo o contexto e ambiente nos quais essas ações são realizadas, nomeadamente, as maneiras como elas são realizadas, os instrumentos utilizados, a intenção envolvida, etc.

2.2. A linguagem e suas regras

A conjunção do conjunto de tudo o que está relacionado com a linguagem, por um lado, e o conjunto de tudo o que está ligado às atividades a ela relacionadas, por outro lado, formam o que Wittgenstein denomina de “campo do jogo de linguagem”²¹. Trata-se, na verdade, de um campo de *sentido* especificado pelas circunstâncias sob as quais determinado *jogo* é jogado. Isto implica dizer que a dimensão desse campo depende da finalidade de cada um dos *jogos de linguagem* existentes e possíveis: a eles podem pertencer tanto um quadro

²⁰ Cf. *PI*, § 494.

²¹ *Z*, § 175.

simples (como o descrito no § 2 das *PI*), como uma cultura inteira²². Em todo o caso, é somente inserido em um *jogo* que podemos falar de algo com sentido.

O que, entretanto, faz com que esses movimentos linguísticos e não linguísticos sejam qualificados como o movimento de um *jogo de linguagem* é o fato de eles pertencerem a um contexto normativo, isto é, de estarem inseridos num contexto governado por regras. Embora a sua concepção de linguagem tenha sido diferente nas duas principais fases que caracterizam o seu pensamento, Wittgenstein sempre concebeu este fenômeno humano como um fenômeno constituído de regras. Todavia, quanto a isso, é necessário esclarecer que as regras linguísticas por ele evocadas não são as regras das gramáticas normativas, impressas nos manuais pedagógicos. Não são, portanto, regras que regem certas dimensões de uma língua particular; mas são, antes, regras que fundamentam, num sentido filosófico, o *uso* e a prática de tudo aquilo a que chamamos «linguagem».

No *Tractatus*, onde a linguagem era concebida como a totalidade das proposições elementares que afiguravam os fatos do mundo²³, as regras linguísticas estavam estritamente circunscritas àquilo que o seu autor chamou *sintaxe lógica*. Tais regras formavam, nesse caso, um complexo sistema lógico que governava todos os *usos significativos* dos nomes. Assim, as regras da linguagem eram caracterizadas como sendo regras rígidas, inflexíveis, destinadas apenas a governarem as possibilidades combinatórias dos nomes, que seriam dadas pela estabilidade do suposto isomorfismo existente entre a linguagem e o mundo. Por estarem subjacentes a essas condições de possibilidade de afiguração do mundo, tais regras não seriam (e nem poderiam ser) evidenciadas nem articuladas nas formas e estruturas das práticas da nossa linguagem ordinária. Elas estariam, por assim dizer, ocultas, e seria somente por meio da análise lógica que os aspectos formais latentes desse mecanismo lógico seriam tornados patentes. Este sistema de regras lógicas esteve presente no pensamento de Wittgenstein enquanto este sustentou a existência de uma *forma lógica* por detrás do isomorfismo entre a linguagem e o mundo.

Todavia, ao afastar definitivamente a ideia de uma *forma lógica* subjacente à linguagem, fato este que ocorreu com a introdução do conceito de «jogos de linguagem», a atenção de Wittgenstein é deslocada da *forma* das expressões para os seus *usos* nas práticas humanas. Comparada com o jogo, a linguagem é, com efeito, uma atividade governada por regras. Estas são, com efeito, aquelas regras que compõem a *gramática* das palavras, isto é, são regras que governam a ampla e complexa multiplicidade de situações de *usos* das

²² Cf. *LC*, p. 26.

²³ Cf. *TLP*, 2.1 – 2.225; 4.001.

palavras que compõem as nossas mais diversas práticas linguísticas. Assim concebidas, tais regras não só definem e guiam os nossos comportamentos (linguísticos e não-linguísticos), como também determinam aquilo que faz sentido dizer no interior dos variados *jogos* que compõem a nossa linguagem. Ou seja, são as regras linguísticas que determinam os *jogos*²⁴ e, por isso, são elas que, de certa forma, geram o âmbito de sentido dos mesmos.

Assim caracterizadas, as regras da linguagem constituem os padrões de correção por meio dos quais podemos avaliar e julgar, correta ou incorretamente, os *usos* das palavras e, com eles, os seus significados. Deste ponto de vista, porque as regras da linguagem definem ações, os *usos* corretos ou incorretos das palavras fazem com que tais ações sejam julgadas como *normais* ou *anormais*, respetivamente, e é somente nos casos *normais* que o emprego das palavras é claramente prescrito²⁵. Quer isto dizer que as regras linguísticas não descrevem como os utentes da linguagem devem falar, mas apenas definem o que é falar *corretamente*, isto é, definem os limites dos *usos* das palavras empregadas por eles nas circunstâncias específicas em que se encontram. Numa analogia: assim como, para jogarmos xadrez, temos que observar as regras que regulam esse jogo, se desejamos falar uma língua só poderemos fazê-lo se sustentarmos as regras de sua *gramática*.

Contudo, o que na verdade dá suporte ao carácter normativo assumido pela pragmática de Wittgenstein é a pressuposição de que a regularidade de nossa linguagem permeia as nossas vidas²⁶. Deste modo, a perspectiva que se instaura como decorrência disto é a de que falar uma linguagem é, antes de tudo, adotar determinados comportamentos regulares. Esta complexa rede de ações regulares é, no fundo, uma rede de ações compartilhadas pelos utentes da linguagem, e o conjunto dos “modos de agir comuns” destes utentes (sejam tais modos simples ou complexos) não só desempenha um importante papel no processo de significação das palavras, como também constitui o sistema de referência por meio do qual interpretamos uma língua diferente da nossa²⁷. É, pois, a *forma de vida* humana que fundamenta todas as nossas relações linguísticas e, por isso, se constitui como a instância última, o que deve ser aceite, o *dado*, aquilo a partir do qual o correto funcionamento da linguagem deve ser entendido²⁸. Assume-se, então, que é uma característica de nossa linguagem que ela se desenvolva sobre *formas de vida* sólidas,

²⁴ Cf. *PI*, § 567.

²⁵ Cf. *PI*, § 141.

²⁶ Cf. *RC*, § 303.

²⁷ Cf. *PI*, § 206.

²⁸ Cf. *PI*, II, p. 292.

caracterizadas por ações regulares, e sua função é determinada, acima de tudo, pelas ações que a acompanham²⁹.

2.3. A linguagem e suas diversas funções

Em virtude dos inúmeros detalhes que podem ser encontrados nas *circunstâncias* em que se dão as práticas linguísticas, a ampla extensão atribuída por este ponto de vista aos domínios da linguagem e das ações humanas faz com que o vínculo existente entre eles mostre-se não somente complexo como também infinitamente variado³⁰. Isto implica dizer que, porque decorrentes destas variadas maneiras pelas quais a linguagem se entrecruza com as ações humanas, os *jogos* que constituem a linguagem são tão variados quanto essas imbricações. Wittgenstein admite, inclusive, que há uma “indizível diversidade de todos os jogos de linguagem”³¹, e é amparado por esta suposição que ele nos faz ver outros dois aspectos importantes do fenômeno linguístico concebido da perspectiva pragmática, que a sua analogia entre a linguagem e o jogo tenciona mostrar.

O primeiro deles é o aspecto heterogêneo da linguagem. Por meio dele, Wittgenstein deseja evidenciar o caráter instrumental da linguagem, e os seus variados modos de aplicação³². Quer-se evidenciar, portanto, que o fenômeno linguístico assume diferentes finalidades no conjunto das atividades humanas. Tais funções são demonstradas pelos múltiplos e incontáveis *jogos de linguagem*, que podem ser distinguidos em diferentes níveis de complexidade e generalidade. «Dar ordens», «descrever um objeto», «cantar», «praguejar», «mentir», «inventariar os *usos* que fazemos de determinadas palavras (como: «jogo», «der», «dor»)», «fazer previsões», etc., são alguns exemplos das funções assumidas pelos *jogos* que constituem a linguagem³³. Repare-se que, assim concebidos, tais *jogos* referem-se a atividades linguísticas específicas, isto é, a certos modos de aplicação e instrumentalização funcionais da linguagem. Referem-se, assim, a qualquer um dos muitos e variados *usos* que fazemos dela e, por isso mesmo, trata de atividades linguísticas reais, diária e efetivamente praticadas pelos utentes da linguagem.

²⁹ Cf. *CE*, p. 397.

³⁰ Cf. *PG*, p. 29.

³¹ *PI*, II, p. 289.

³² Por exemplo, *PI*, §§ 360, 421, 569. Quanto ao caráter instrumental da linguagem, Cf. KUUSELA, Oskari. **The struggle against dogmatism: Wittgenstein and the concept of philosophy**. Massachusetts: Harvard University Press, 2008, p. 163 ss.

³³ Cf., respectivamente, *PI*, §§ 23, 249, 71, 156 – 171, 630.

O que dá suporte a tal ideia é, com efeito, a pressuposição de que existe uma dinâmica inerente à nossa linguagem, que faz com que ela seja caracterizada como uma estrutura variável e crescente, e não como algo estático, moldado a um determinado plano uniforme. Para esclarecer este ponto, Wittgenstein recorre a uma analogia e compara a linguagem com uma velha cidade. Neste caso, a linguagem corrente está, como as bases de uma velha cidade, erigida sobre um plano completamente irregular. O conjunto de palavras e formas gramaticais que a constitui é como os labirintos das pequenas ruas e praças dessa velha cidade, contendo casas velhas e novas, e casas com reconstruções de épocas diferentes. Tudo isto, porém, está circundado por uma grande e diversa quantidade de bairros novos e padronizados, com ruas regulares e casas uniformes. Esses novos setores da cidade são, pela analogia, as novas terminologias da linguagem técnica e científica, as linguagens artificiais da matemática e da lógica, que são construídas sobre um plano uniforme, algumas vezes ligados ao centro da cidade e outras não.

Assim descrita, o ponto central desta analogia é o de ilustrar que, como uma cidade (onde casas são construídas, outras demolidas; novos bairros surgem, outros desaparecem; ruas são inauguradas, outras passam a ser intransitáveis; etc.), a linguagem é, no fundo, com todas as suas formas e modos de aplicação, uma multiplicidade onde nada é fixo (como dado de uma vez por todas); é algo, por assim dizer, sem limites definidos. Desta maneira, o que é realizado na e com a linguagem não pode ser atribuído a uma única matriz paradigmática. Qualquer matriz deste tipo é apenas um dentre os diversos *jogos de linguagem* existentes, não sendo capaz, por isso mesmo, de dar contas das funções assumidas pela linguagem. Tais funções são tão diversas que, se compararmos os variados modos de aplicação da linguagem com o que os lógicos disseram sobre a estrutura desse fenômeno humano, não só constataremos ser falsa a ideia (compartilhada inclusive pelo o autor do *Tractatus*) de que a linguagem possui uma *única* estrutura lógica subjacente, como também reconheceremos que as funções da linguagem jamais podem ser pretensiosamente reduzidas apenas à descrição ou à representação.

2.4. A linguagem e sua “essência”

Além disso, e tão importante quanto, é também amparado pela pressuposição de que existe uma “indizível diversidade de todos os jogos de linguagem” – diversidade que, segundo Wittgenstein, nos escapa à consciência por causa da idêntica roupagem dada a eles por nossa linguagem – que o modelo pragmático aqui exposto anuncia, em segundo lugar,

uma das suas principais consequências filosóficas. Trata-se do fato de que tal pressuposição torna impossível a elaboração de uma teoria geral da linguagem, isto é, uma teoria que consiga encerrar, em suas definições, a “essência” da linguagem. Na verdade, Wittgenstein nunca nos forneceu uma *definição* do conceito de «jogo de linguagem». Aliás, se considerarmos a ideia de definição como a apresentação dos constituintes de um conceito, nunca nos seria possível defini-lo, uma vez que isso seria como capturar as suas características comuns, isto é, seria como fornecer a *essência* do *jogo de linguagem*, a *essência* da própria linguagem.

A principal razão que levou Wittgenstein a romper com a histórica tentação de buscar uma explicação última da linguagem se encontra na sua convicção de que quando realmente *olhamos* para as práticas linguísticas não *vemos* um único traço definidor comum que determine que algo seja linguagem. Quando não se *pensa*, mas se *olha*³⁴, o que constatamos é que aquilo que as reúne debaixo do mesmo conceito é uma complexa e intrincada rede de semelhanças ou parecenças (em grande e pequena escala) que se justapõem e se entrecruzam, do mesmo modo que as semelhanças se sobrepõem aos diferentes membros de uma mesma família. Deste ponto de vista, a linguagem é um conceito dado por *semelhanças de família*. Neste caso, os contornos de tal conceito não nos são dados por um “único fio condutor” que percorre todos os casos existentes em tal domínio; mas, eles nos são traçados, por assim dizer, pela sobreposição de diferentes fibras, como de uma corda. Quanto mais fibras se cruzarem, mais alargado será o conceito. Deste modo, a robustez da corda não consiste em que *uma* fibra qualquer perpassasse toda a sua extensão, mas em que muitas fibras se sobreponham umas às outras³⁵.

Quanto à noção de «semelhanças de família», é pertinente salientarmos que essa nomenclatura não é de todo satisfatória. Aliás, se mal compreendida, tal noção pode conduzir-nos a um resultado oposto ao desejado por Wittgenstein aquando do seu emprego. Trata-se de pensar que, porque as semelhanças e as parecenças que existem entre os diversos membros de uma família resultam causalmente de uma dada herança biológica comum, isto é, provêm de um complexo encontro de determinadas propriedades genéticas compartilhadas por essas pessoas, uma «família de casos» que caem sob um determinado conceito dado pela noção de «semelhanças de família» também possua um ancestral

³⁴ Cf. *PI*, § 66,

³⁵ Cf. *BBB*, p. 87; *PG*, 75; *PI*, § 67.

comum qualquer³⁶. Todavia, o que realmente se tenciona ao comparar as semelhanças existentes entre as atividades expressas por tudo o que cai sob o conceito cuja extensão seja uma «família de casos», por um lado, com os traços existentes entre os membros de uma família (estatura, cor dos olhos, temperamento, etc.), por outro lado, é o de apenas ressaltar o fato de que, do mesmo modo que nenhuma dessas *semelhanças* constitui uma propriedade comum a todos os membros que pertençam a uma determinada família, não é por terem uma propriedade comum que, por exemplo, os casos que pertencem à «família dos jogos» são chamados de «jogos». Poder-se-ia pensar, ainda, que com a noção de «semelhanças de família» Wittgenstein esteja fomentando alguma forma alternativa de representação ou de teoria dos *universais*³⁷. Porém, como já se disse, a ênfase aqui não é a de que uma palavra designe algumas propriedades comuns, pertencentes a um determinado grupo de coisa, mas é, nitidamente, sobre a ausência dessa essência comum.

A noção de *semelhanças de família*, portanto, não abrange uma característica comum invariável e, ao recorrer a ela, Wittgenstein não somente põe termo à busca pela “essência” da linguagem, mas empreende um ataque a todas as formas de essencialismo. No caso da linguagem, quer isto dizer que não há uma mesma característica que seja partilhada por todos os *jogos* que a constituem, embora cada um dos *jogos de linguagem* deva ter características comuns com outros *jogos*. O que não há é absoluta igualdade entre dois *jogos de linguagem* quaisquer. Os *jogos de linguagem* são, assim, *parentes* uns dos outros de maneira diversa³⁸. *Eles* formam uma *família de casos*³⁹ que caem sob o mesmo conceito, mas que têm a característica de não possuir uma propriedade comum.

Posto isto, e a despeito de todas as controvérsias existentes sobre se Wittgenstein propôs ou não que *todos* os conceitos são conceitos determinados por «semelhanças de família»⁴⁰, ao pôr termo à busca pela essência da linguagem, isto é, àquilo que é comum a tudo o que chamamos «linguagem», à sua tão almejada e procurada *forma lógica*, Wittgenstein

³⁶ E já houve quem pensasse assim (Cf. FREITAS, *apud* CONDÉ, Mauro Lúcio Leitão. **As teias da razão**: Wittgenstein e a crise da racionalidade moderna. Belo Horizonte: Argvmentvm Editora, 2004, p. 56. ISBN 85-98885-01-0).

³⁷ Sobre a discussão entre a noção de «semelhanças de família» e os *universais*, Cf. HUFF, Douglas. **Wittgenstein and Universals**. In: HALLER, Rudolf; GRASSL, Wolfgang. Language, logic, and philosophy. Proceedings of the fourth international Wittgenstein symposium. Viena, 1980, p. 281 – 284; BANBROUGH, Rendford. **Universals and family resemblances**. In: PITCHER, Georg (ed.). Wittgenstein: the Philosophical Investigations. New York, 1966, p. 186 – 204.

³⁸ Cf. OC, § 256; PI, §§ 65 – 67.

³⁹ PI, § 67.

⁴⁰ Sobre isso, Cf. HARRIS, N. G. E. **A family question**. In: HALLER, Rudolf; GRASSL, Wolfgang. Proceedings of the fourth international Wittgenstein symposium. Viena, 1980, p. 285 - 287.

ratifica a ideia de que a linguagem não pode ser concebida como “uma unidade formal”. Desta perspectiva, ela é, antes, “um labirinto de caminhos”⁴¹, “uma família de estruturas mais ou menos aparentadas entre si”⁴², na qual se efetiva uma complexa rede de ações sociais, partilhada na *forma de vida* que caracteriza os utentes da linguagem.

Sendo assim, a negação de que haja uma essência comum a tudo aquilo que chamamos «linguagem» decorre, com efeito, da afirmação pragmática de que aquilo que é suposto encontrarmos no fundo dos *jogos* que constituem a linguagem⁴³ é o *agir* humano. Sustenta-se, com isto, que a pura factualidade das ações humanas é a própria “condição última” de justificação para a prática do fenómeno linguístico, sendo impossível encontrarmos um fundamento ulterior para os comportamentos comuns da humanidade. Neste caso, se há uma fundamentação para linguagem, esta não é outra senão as nossas *ações*⁴⁴; ela constituiria “um método prático, um modo de agir, e não uma especulação ou a fala vazia”⁴⁵.

É no agir humano, portanto, que a cadeia de justificativas encontra o seu fim, e este “não é um pressuposto não fundamentado, mas um modo de agir sem fundamento”⁴⁶, isto é, algo que apoia mas que não é apoiado por nada. Uma das mais notáveis consequências que se extrai dessa maneira de pensar o fundamento do fenómeno linguístico é a de que a linguagem, neste sentido, não surgiu de práticas imaginárias, de um raciocínio, ou mesmo de qualquer outra manobra intelectual⁴⁷. Tendo como referência o “quadro do estado primitivo da humanidade”, a linguagem, para Wittgenstein, não é adquirida por meio de processos cognitivos, mas é um dado de nossa história natural⁴⁸. Pensada assim, os *jogos* mais elementares estão, na verdade, baseados em comportamentos *pré-linguísticos*, e são, por isso mesmo, o protótipo de uma maneira de pensamento e não o resultado do pensar⁴⁹. Quer isto dizer que as práticas linguísticas primitivas não foram o resultado de operações independentes das ações humanas. Desta forma, os *jogos de linguagem* são concebidos como

⁴¹ *PI*, § 203.

⁴² *PI*, § 108.

⁴³ Cf. *OC*, § 204; *CE*, p. 377.

⁴⁴ *OC*, § 204.

⁴⁵ Cf. *CE*, p. 405.

⁴⁶ *OC*, § 110

⁴⁷ Cf. *OC*, § 475.

⁴⁸ Cf. *PI*, §§ 25, 415.

⁴⁹ Cf. *RPP*, vol. I, 916; *RPP*, vol. II, 453; *PI*, § 262.

já “estando aí”, tal como a nossa vida, e devem ser olhados como uma coisa *primária*⁵⁰. São, por assim dizer, autónomos, e não se justificam por objetivos externos⁵¹.

Ao assegurar que os homens primitivos não “refletiam”, mas *faziam*, a concepção de linguagem aqui exposta defende, portanto (e em virtude de seus pressupostos não poderia ser diferente), que o que está na origem da linguagem são, no fundo, *reações*. Apesar de diversas (um olhar, um gesto, uma palavra)⁵², tais *reações* são caracterizadas como sendo comportamentos normativos, sobre os quais (e só sobre eles) as formas complexas da linguagem podem se desenvolver. Assim compreendida, a linguagem passa a ser considerada como um refinamento desses modos normativos das ações humanas⁵³, e os *jogos* que a constituem não devem ser entendidos como algo estático: eles “mudam com o tempo”⁵⁴. Desta perspectiva, as diversas comunidades linguísticas é que são responsáveis por inventar, manter, ou mesmo esquecer os *jogos* que constituem a nossa linguagem. É exatamente quando tais *jogos* são mantidos que o aspecto institucional da linguagem mais nitidamente se evidencia e percebemos que somos participantes de uma dada *tradição* que permeia tudo o que fazemos e dizemos. Nesse caso, ao sermos indagados por que assim procedemos, a melhor resposta é que “simplesmente *fazemos* assim. São usos e costumes entre nós, fatos de nossa história natural”⁵⁵. Sob esta ótica, portanto, os *jogos de linguagem* pertencentes às nossas práticas linguísticas como «dar ordens», «fazer perguntas», «narrar», «conversar», etc., pertencem à nossa história natural tanto como «andar», «comer», «beber», «brincar», etc. Isto nos leva a concluir, com Wittgenstein, que, se não excetuarmos as mais primitivas formas de linguagem, tais como essas últimas citadas, podemos dizer que até os animais, (de certa forma) falam, isto é, *usam* a linguagem⁵⁶.

Considerações Finais

Em síntese, ao considerarmos estes aspectos fundamentais da concepção de linguagem assumida por Wittgenstein em sua *Spätphilosophie*, não teremos dificuldades em perceber que, ao eleger o jogo como analogia para definir a maneira como a linguagem está estruturada, ele não está, de modo algum, defendendo a posição de que a linguagem não

⁵⁰ Cf. *OC*, 559; *PI*, § 656.

⁵¹ Cf. *PG*, 184 – 5; *Z*, § 320.

⁵² Cf. *PI*, II, p. 282.

⁵³ Cf. *CV*, 1937; *CE*, p. 395.

⁵⁴ *OC*, § 256.

⁵⁵ *RFM*, I, 63.

⁵⁶ Cf. *PI*, § 25.

seja nada mais do que um jogo, ou mesmo que os jogos tenham toda a complexidade existente na linguagem. É sabido que o fenômeno da linguagem não só é anterior, como é muito mais complexo do que o fenômeno do jogo. Aliás, só há jogos porque há linguagem. Mais ainda: pode-se até dizer que os jogos são, de fato, *jogos de linguagem*. É possível, inclusive, pensarmos numa sociedade em que o conceito de «jogo» seja inexistente, mas não é possível concebermos uma sociedade sem linguagem. Sendo assim, pode-se concluir que a intenção de Wittgenstein na comparação entre esses domínios é, como ele mesmo declara, a de elucidar, de iluminar os caminhos para um melhor entendimento do correto funcionamento de nossa linguagem⁵⁷. É, realmente, a de fazer-nos ver, pelos jogos, os vários aspectos de nossa linguagem que muitas vezes nos são alheios, nomeadamente: a sua necessária conexão com as atividades humanas, as suas diversas funções, e o papel normativo que as suas regras assumem nessas práticas. Escusado será dizer que o caráter pragmático e normativo de tal concepção de linguagem reivindica uma necessária reformulação não só no modo como *usamos* e *significamos* as palavras, mas também como *aprendemos* e *compreendemos* a linguagem.

Referências

- BANBROUGH, Rendford. **Universals and family resemblances**. In: PITCHER, Georg (ed.). Wittgenstein: the Philosophical Investigations. New York, 1966, p. 186 – 204.
- FREGE, Gottlob. **Grundgesetze der Arithmetik**. Vol. 2, § 88. ISBN 3-487-09802-4.
- FREITAS, *apud* CONDÉ, M. L. L. **As teias da razão: Wittgenstein e a crise da racionalidade moderna**. Belo Horizonte: Argumentvm Editora, 2004, p. 56. ISBN 85-98885-01-0.
- GARGANI, Aldo G. **Introduzione a Wittgenstein**. 11. ed. Roma: Editori Laterza, 2005, p. 55 – 73. ISBN 8-842-00525-8.
- HARRIS, N. G. E. **A family question**. In: HALLER, Rudolf; GRASSL, Wolfgang. Proceedings of the fourth international Wittgenstein symposium. Viena, 1980, p. 285 - 287. ISBN 3-209-01121-4.

⁵⁷ Cf. *PI*, § 83.

HUFF, Douglas. **Wittgenstein and Universals**. In: HALLER, Rudolf; GRASSL, Wolfgang. Language, logic, and philosophy. Proceedings of the fourth international Wittgenstein symposium. Viena, 1980, p. 281 – 284. ISBN 3-209-01121-4.

KUUSELA, Oskari. **The struggle against dogmatism: Wittgenstein and the concept of philosophy**. Massachusetts: Harvard University Press, 2008, p. 163 ss. ISBN 0-674-02771-X.

LE DU, Michael. **Wittgenstein e o uso da linguagem como cálculo**. Dois pontos. Curitiba, v. 6, n. 1, p.167-179, Abril. 2009. ISSN 1807-3883

MALCOLM, Norman. **Ludwig Wittgenstein: a memoir**. 2. ed. Oxford: Clarendon Press, 2001, p.65. ISBN 0-19-924759-5.

WAISMANN, Friedrich. **Wittgenstein y el círculo de Viena**. Traducción de Manuel Aeboli. México: Fondo de Cultura Económica, 1973, p. 90 – 93.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Cause and Effect: Intuitive Awareness**. Translated by Peter Winch. In: KLAGGER, James; NORDMANN, Alfred (eds.). *Ludwig Wittgenstein: Philosophical Occasions*. Indianapolis: Hackett Publishing Company, 1993, p. 370-426.

_____. **Culture and Value**. Translated by Peter Winch. Oxford: Blackwell Publishers, 1998. ISBN 0-631-20570-5.

_____. **Last Writings on the Philosophy of Psychology: preliminary studies for part II of *Philosophical investigations***. Translated by C. G. Luckhardt and M. A. E. Aue. Oxford: Basil Blackwell, 1982. Vol. I. ISBN 0-226-90425-3.

_____. **Last Writings on the Philosophy of Psychology: the inner and the outer**. Translated by C. G. Luckhardt and M. A. E. Aue. Oxford: Basil Blackwell, 1992. Vol. II. ISBN 0-631-18956-4.

_____. **Lecture and Conversations on Aesthetics, Psychology and Religious Belief**. Oxford: Blackwell Publishers, 1966. ISBN 0-631-09580-2.

_____. **On Certainty**. Translated by Denis Paul and G. E. M. Anscombe. Oxford: Basil Blackwell, 1969. ISBN 0-631-31686-5.

_____. **Philosophical Grammar**. Translated by Anthony Kenny. Oxford: Basil Blackwell, 1974. ISBN 0-631-11891-8.

_____. **Philosophical Investigations**. 3. ed. Translated by G. E. M. Anscombe. Oxford: Blackwell Publishers, 2001. ISBN 0-631-23159-5.

_____. **Philosophical Remarks**. Translated by Raymond Hargreaves and Roger White. Oxford: Basil Blackwell, 1975. ISBN 0-631-19130-5.

_____. **Remarks of Colour.** Translated by Linda L McAlister and Margarete Schättle. Oxford: Basil Blackwell, 1977. ISBN 0-631-11641-9.

_____. **Remarks on the Foundations of Mathematics.** Translated by G. E. M. Anscombe. Oxford: Basil Blackwell, 1956. ISBN 0-262-73017-0.

_____. **Remarks on the Philosophy of Psychology.** Translated by C. G. Luckhardt and M. A. E. Aue. Oxford: Basil Blackwell, 1980. Vol. II. ISBN 0-631-18956-4.

_____. **Remarks on the Philosophy of Psychology.** Translated by G. E. M. Anscombe. Oxford: Basil Blackwell, 1980. Vol. I. ISBN 0-631-13061-6.

_____. **The Blue and Brown books:** preliminary studies for the “Philosophical Investigations”. Oxford: Blackwell Publishing, 1958. ISBN 0-631-14660-1.

_____. *Tractatus Logico-philosophicus.* 3. ed. Trad., apres. e estudo introdutório de Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: Edusp, 2001. ISBN 85-314-0093-7.

_____. **Zettel.** Translated by G. E. M. Anscombe. Oxford: Basil Blackwell, 1967. ISBN 0-631-12823-9.